



## Brasileiros pagam cada vez mais tributos

**Síntese:** *O Brasil é um dos países onde, proporcionalmente, mais se paga tributos no mundo, quando se compara o que é recolhido com o que o poder público oferece em contrapartida. O sistema brasileiro é perverso e penaliza mais quem ganha menos. Também é um fator de encarecimento do produto nacional, num momento de concorrência cada vez mais acirrada no mercado global. Ano após ano, a carga tributária cresce, sem que o governo faça a menor menção de aliviar o contribuinte. Já passa da hora de o país contar com um modelo mais simples, racional, transparente, neutro e equânime, em que mais pessoas paguem menos.*

Há várias formas de se aferir quanto um cidadão brasileiro paga de tributo. Em todas, a conclusão é uma só: o que se recolhe a título de impostos, taxas e contribuições no país supera em muito o que poderia ser considerado razoável. Ano após ano, a carga tributária cresce, sem que o governo faça a menor menção de aliviar o contribuinte.

Um dos meios mais ilustrativos de se verificar quanto cada um deixa nos cofres do Tesouro é correlacionar o montante arrecadado ao número de dias trabalhados. Por este critério simbólico, o brasileiro poderá respirar aliviado a partir de agora, depois de ter todos os 149 primeiros dias de salário de 2011 – ou seja, de 1º de janeiro a 29 de maio – consumidos com pagamento de tributos.

Pelo “padrão-calendário”, só na Suécia se paga tanto. Em países como Argentina, Chile e México, os tributos não consomem mais que cem dias do trabalho anual. No Brasil, a cada ano, o leão morde mais o contribuinte – em 2002, a carga equivalia a 135 dias de labuta. Ou seja, na era Lula a sanha tributária petista garfou mais meio salário do trabalhador. E quer mais.

### Perda de competitividade

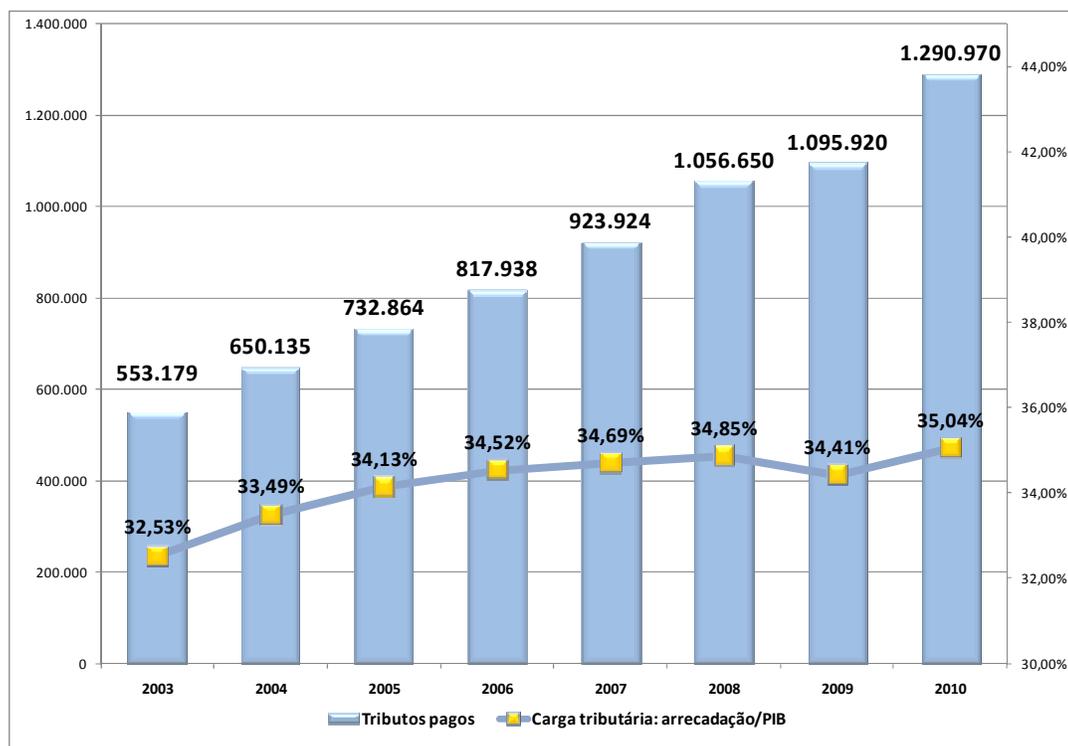
Outra maneira de verificar a escalada tributária é o chamado impostômetro, iniciativa da Associação Comercial de São Paulo. Neste fim de maio, ele ultrapassou a marca de R\$ 600 bilhões recolhidos no ano até agora. Em 2010, isso só aconteceu em 23 de junho e, em 2008, em 29 de julho. Até dezembro, o placar deve superar R\$ 1,45 trilhão, com alta de 12% sobre o ano passado, quando, em média, cada brasileiro pagou R\$ 6,7 mil em tributos.

O Brasil é um dos países onde, proporcionalmente, mais se paga impostos no mundo, quando se compara o que é recolhido com o que o governo oferece em termos de prestação de serviços públicos, como saúde, segurança e educação. Nos últimos dez anos, a carga subiu cinco pontos percentuais, segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), e hoje, na média, os brasileiros deixam 35% de seus rendimentos com o fisco. É mais do que em economias emergentes (máximo de 25%) e em boa parte das nações mais ricas do mundo.

A evolução tributária mantém-se como uma via de mão única no Brasil; jamais retrocede, cresce o país ou não. Os impostos têm aumentado num ritmo muito maior do que o da economia e bem mais acelerado do que o da inflação. São, portanto, um fator de encarecimento do produto nacional, num momento de acirramento da concorrência no mercado global.

Desde 2000, o total de tributos pagos aos fiscos cresceu 264%, nas contas do IBPT. No mesmo período, o PIB brasileiro avançou 212% e a inflação, entre 90% e 130%, dependendo do índice de preços usado. Isso significa que, ao longo da década, os governos federal, estaduais e municipais subtraíram R\$ 1,85 trilhão da sociedade – ou o equivalente à metade de um PIB.

### Total de tributos arrecadados\* (em R\$ milhões constantes)



Fonte: Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT). \*Inclui federais, estaduais e municipais.

A pesada carga tributária é um dos fatores que prejudicam a competitividade brasileira. Tanto que, neste ano, o país caiu no ranking mundial que mede este quesito, perdendo seis posições, segundo o International Institute for Management Development. Numa lista de 59 nações, situou-se na 44ª colocação. O desempenho foi pior no subitem "produtividade e eficiência", no qual o Brasil despencou 24 posições para o 52º lugar.

### Perversidade fiscal

O sistema tributário brasileiro é perverso e penaliza mais quem ganha menos. Isso porque a maior parte da carga incide sobre o consumo; são os chamados tributos indiretos. Segundo estudo recente publicado pelo Ipea, os 10% mais pobres gastam 30% da sua renda com pagamento de impostos, enquanto os 10% mais ricos despendem 12%. O órgão oficial admite que, no governo do PT, a situação permaneceu intacta: "As alterações ocorridas entre 2003 e 2009 são pouco expressivas".

Num outro corte, a regressividade – quem ganha menos paga mais – mostra-se ainda mais gritante. A carga tributária de famílias cuja renda é de até dois salários mínimos situa-se hoje em 54%, enquanto para os que recebem mais de 30 salários a mordida é de “apenas” 29%. Em 1996, a faixa de renda mais baixa comprometia 28% e a mais alta, 18%. Vê-se que, cada vez mais, a perversidade aumenta.

O sistema brasileiro abriga uma maldade adicional: o contribuinte quase nunca se dá conta de que boa parte do que gasta com consumo são tributos. E engana-se quem pensa que é pouca coisa: bens e serviços foram a base de 43% da arrecadação tributária federal em 2010. É por esta razão que se defende a discriminação, nas notas fiscais, de todos os impostos, taxas e contribuições pagos pelos consumidores. Seria uma forma de conscientizar o cidadão sobre a aterradora carga que recai sobre suas costas. Projeto neste sentido (PL 1472/2007) tramita na Câmara desde 2007 e, desde fevereiro passado, aguarda para ser levado a plenário para votação.

### **Sempre em alta**

O comportamento da arrecadação neste ano sugere que os contribuintes brasileiros não terão frescos. Entre janeiro e abril (último resultado divulgado pela Receita), só em tributos federais foram recolhidos R\$ 315 bilhões. Isso representa crescimento de 11,5% acima da inflação, na comparação com igual período do ano passado. Já são R\$ 32,5 bilhões a mais no caixa do Tesouro – e os recordes continuam a se suceder.

A maior esperança do contribuinte brasileiro é de que uma reforma tributária possa aliviar a carga de impostos, taxas e contribuições recolhidos ao cofres do fisco ou pelo menos simplificar o emaranhado legal ao qual empresas e cidadãos estão sujeitos. A julgar pelos primeiros esboços divulgados pelo governo Dilma, a expectativa tem pouca chance de ser atendida.

Um dos pontos em discussão é a redução dos tributos incidentes sobre a folha de salários. É iniciativa bem-vinda, mas se engana quem pensa que, com os cofres cheios, o governo federal cogite arcar com a desoneração. A equipe econômica petista já avisou que a proposta só prosperará se a carga sobre o faturamento de empresas e prestadores de serviços aumentar para compensar as perdas.

O sistema tributário é mais uma das jabuticabas brasileiras: injusto, ineficiente, complexo. O país precisa de um modelo mais simples, racional, transparente, neutro e equânime, em que mais contribuintes paguem menos tributos. Estimular o emprego, desonerar investimentos e exportações também são necessidades prementes, sob pena de a produção nacional, já penalizada por outros componentes do custo Brasil, ser ainda mais prejudicada. Ninguém aumenta mais tanto peso.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

---

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – [www.itv.org.br](http://www.itv.org.br)

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . [itv@itv.org.br](mailto:itv@itv.org.br)